

2017

VIII Seminário Internacional sobre
Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado

UNISC
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

AS RACIONALIDADES INSTRUMENTAL E SUBSTANTIVA NA DINÂMICA PRODUTIVA DAS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES NA REGIÃO DAS MISSÕES

**Carlos Eduardo Ruschel Anes
Cidonea Machado Deponti
Silvio Cezar Arend**

Resumo

A racionalidade instrumental está ligada ao pensamento econômico industrial, enquanto que a racionalidade substantiva está voltada para a compreensão do ser humano individual e suas relações coletivas. Na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares, essas racionalidades se manifestam no trabalho, na produção e na comercialização dos produtos. Com isto em vista, o objetivo deste estudo foi analisar como as relações socioeconômicas na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares da região das Missões, permeadas no território, caracterizada por particularidades regionais, são influenciadas pelo pensamento instrumental e substantivo. O alcance desse propósito foi por meio de pesquisa de campo, fundamentado por referencial teórico das racionalidades instrumental e substantiva; e agroindústria familiar. Foram realizadas 14 entrevistas em profundidade com produtores e aplicados 136 questionários. Identificou-se que a atividade produtiva é, predominantemente, artesanal e os produtos mais produzidos pelas agroindústrias são os farináceos, os derivados da cana-de-açúcar e os derivados do leite. As racionalidades foram identificadas e analisadas na produção familiar, com predominância da substantiva sobre a instrumental. Assim, o pensamento instrumental não se sobressai em relação ao pensamento substantivo na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares. Como consequência, o Arranjo Agroprodutivo Familiar (AAPF) desenvolvido nesta pesquisa, retira o termo “industrial” do seu título, pois o foco está na dinâmica produtiva familiar artesanal, não industrial. A intenção é de que esse arranjo possa servir como base para construção ou aperfeiçoamento de políticas públicas, que contemplem melhor a realidade da dinâmica produtiva das agroindústrias familiares.

Palavras-chave: Racionalidades. Agroindústrias Familiares. Arranjo Agroprodutivo Familiar.

1 Introdução

As agroindústrias familiares estão presentes em diversas regiões e produzem, por meio do trabalho familiar, produtos que atendem parte da demanda regional por alimentos. Na região do Corede Missões, localizada no Estado do Rio Grande do Sul, existem agroindústrias familiares que apresentam uma dinâmica de relações socioeconômicas que ajudam na compreensão das particularidades da região.



A agroindústria familiar é interpretada como empreendimento agroprodutivo que agrega valor aos produtos primários produzidos pela família produtora. Dessa maneira, a agroindústria se transformou ao longo do tempo em alternativa de complementação de renda dos pequenos produtores rurais.

Nessa dinâmica produtiva das agroindústrias familiares se manifestam contradições entre lógicas voltadas a economia industrial e lógicas voltadas a compreensão do ser humano individual e suas relações coletivas. Assim, essas contradições levam aos conceitos que dão sustentação a esta pesquisa. O primeiro deles é a Racionalidade Instrumental que, segundo Ramos (1989), é compreendida pela lógica da economia de mercado e industrial, baseada no cálculo e no custo/benefício, com uma visão competitiva e utilitária de interpretação da realidade.

O segundo conceito é o da Racionalidade Substantiva que, para Ramos (1989), é objetiva, comunicativa, de interação simbólica, em relação a valores. Está focada no Ser existencial, ou seja, no Ser Humano e é comum a todas as pessoas, em todas as épocas. O seu papel na sociedade contemporânea é trazer a reflexão sobre a importância das variedades históricas da condição humana e dos valores éticos e humanos.

A Racionalidade Substantiva se contrapõe à sociedade industrial, centrada no mercado. Para Ramos (1989), é uma lógica que procura conter a supremacia da economia como reguladora da vida humana associada, propõe uma sociedade estruturada pelo homem, contrária à lógica de homens estruturados pela sociedade, como ocorre na sociedade centrada no mercado.

Dessa forma este artigo tem o propósito de analisar como as relações socioeconômicas na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares da região das Missões, permeadas no território, caracterizadas por particularidades regionais, são influenciadas pelo pensamento instrumental e substantivo.

Assim, este artigo encontra-se estruturado, inicialmente, por revisão teoria sobre a noção de agroindústria familiar e o conflito das racionalidades. Posteriormente, descreve-se a metodologia e as discussões dos resultados encontrados. E, para finalizar, as considerações finais seguidas das referências pesquisadas.

2 Noções de agroindústria familiar

O surgimento das agroindústrias rurais pode ser observado como uma reconfiguração do produto colonial produzido pela agricultura familiar. Essa



transformação ocorreu por meio de associações de produtores com apoio do poder público. O produto colonial processado pelas agroindústrias passou a ser visto, pelos produtores, como um produto de maior valor e com possibilidade de gerar maior renda para as famílias (MIOR, 2005).

Outro aspecto corrobora para a caracterização da agroindústria familiar rural. Aspecto relacionado a localização no meio rural, as máquinas e os equipamentos utilizados em escala menor, a matéria-prima própria ou vinda de vizinhos, a produção artesanal e o trabalho realizado pelos próprios membros familiares. Além disso, essa dinâmica também pode se manifestar por meio de empreendimentos associativos, que reúnem várias famílias produtoras (MIOR, 2005).

Para Mior (2005), a Agroindústria Familiar vem da Agricultura Familiar, submetendo parte da produção vegetal e animal e produtos processados visando maior valor de comercialização e/ou troca. Esclarece ainda que, para se constituir uma Agroindústria Familiar, tem de ser de uma família, de uma associação ou de uma rede de associações/cooperativas familiares; produzir sua matéria-prima ou adquirir em pequena quantidade de agricultores vizinhos; predomínio de mão de obra familiar; e apresentar laços de parentesco e sanguíneo ao longo de gerações.

Com a ênfase mais voltada a noções de sistemas agroalimentares, Maluf (2004), se insere neste debate teórico quando interpreta que as atividades de agregação de valor ao produto primário pode se caracterizar como uma complementaridade a produção primária na propriedade familiar. Além desse complemento, as atividades agroalimentares são essenciais para a reprodução social digna das famílias, por gerarem renda e por possibilitarem o autoconsumo.

Em outra interpretação apresentada por Prezotto (2002) a Agroindústria Familiar ajuda na retomada dos saberes sociais das unidades de produção familiar no que se refere ao beneficiamento de alimentos que, ao longo do tempo, sempre existiu nas propriedades rurais e que foram gradativamente desconstruídas pelo modelo de modernização da agricultura.

Segundo Prezotto (2002), alguns aspectos ajudam a compreender a Agroindústria Familiar. No que tange a sua estrutura, ela está locada na propriedade do agricultor. A matéria-prima utilizada vem dos produtos de origem animal e/ou vegetal da própria propriedade, e as atividades laborais são, predominantemente, dos membros familiares.



A agroindústria familiar passa a ser uma estratégia de reprodução social, pois materializa atividades e oportunidades de agregação de valor na produção das famílias rurais, gerando receitas e complementando rendas, além de oferecer empregos àqueles produtores que optam pelas atividades de transformação das matérias primas que já produzem (PELEGRINI; GAZZOLA, 2008).

Com essas considerações e interpretações teóricas sobre a agroindústria familiar, se sustenta a presença da lógica produtiva camponesa, mas, por outro lado, apresenta aspectos empresariais que, de certa maneira, se caracterizam pela comercialização dos produtos no mercado. Com isso, a afirmação de Bartra (2009) esclarece que a concepção industrial não encontra sustentação na maneira de produzir familiar. Assim, a Agroindústria Familiar baseada na Agricultura Familiar pode manter uma relação com a organização produtiva sob a lógica camponesa e com a lógica empresarial.

3 O conflito das racionalidades: Lógica Instrumental e a Lógica Substantiva

A racionalidade se refere àquilo que qualifica o sentido da ação materializada nas relações sociais, ou seja, é o que explica o sentido que orienta a ação social. Segundo Weber (2008), a racionalidade é compreendida a partir da ideia de que a razão dá sentido à vida social independente de outros fatores, de maneira não previsível e muito particular.

O conceito de racionalidade é complexo e de difícil ou mesmo impossível definição, pois é capaz de englobar uma gama de sentidos diferentes. Dois deles, a Racionalidade Instrumental e a Racionalidade Substantiva possuem significados diferentes, o primeiro dentro de uma lógica econômica e o segundo converge para uma lógica humana. Por consequência, a lógica humana submetida à lógica instrumental leva a despersonalização do ser humano.

O processo de despersonalização do ser humano na modernidade é decorrência da expansão do mercado. Para Alberto Guerreiro Ramos a lógica de mercado foi legitimada pela própria ciência que abordou a condição mercadológica como predominante em relação à vida humana associada (AZEVEDO, 2006).

nenhuma sociedade, no passado, esteve jamais na situação da sociedade desenvolvida centrada no mercado de nossos dias, na qual o processo de socialização está, em grande parte, subordinado a uma política cognitiva exercida por vastos complexos empresariais



que agem sem nenhum controle. [...] Escravos de um sistema de comunicação de massa dirigido por grandes complexos empresariais, os indivíduos tendem a perder a capacidade de se empenhar no debate racional. Cedendo a influências projetadas, a maioria das pessoas perde a capacidade de distinguir entre o fabricado e o real e, em vez disso, aprende a reprimir padrões substantivos de racionalidade, beleza e moralidade, inerentes ao senso comum (RAMOS 1989, p. 114).

Segundo Mannheim (1973), a racionalidade instrumental tem se sustentado pela lógica industrial, submetendo as pessoas a critérios funcionais. Nela, encontra-se subjacente o verbo maximizar, ou economizar, que significa fazer o melhor possível com os meios que se possui. Para Pizza Junior (1994) a racionalidade instrumental é aquela que procura aumentar o controle da natureza, transformando-a em fornecedora de recursos para a produção. É a visão neoclássica da economia e propõe o crescimento das instituições em detrimento dos recursos naturais disponibilizados no território.

Por outro lado, observa Ramos (1983), a racionalidade substantiva é intrínseca ao Ser Humano e, a partir dela, podem buscar conduzir sua vida para a autorrealização, o autodesenvolvimento e o engajamento mais expressivo no processo de desenvolvimento social. Os valores sociais orientam a racionalidade substantiva e estão em conformidade com pressupostos sociais.

Carvalho e Escrivão Filho (2008) observam que, quando atores agem sob a lógica da racionalidade instrumental, se processam articulações para alcance de um objetivo determinado. E esse propósito sempre está submetido a interesses econômicos e a valores utilitaristas.

Quando permeada a organização pela racionalidade instrumental, Serva (1996) assegura que a dominação, o desvio ético, o abuso de poder e a dissimulação de intenções são intensificadas e materializadas no ambiente. Assim, a competitividade se manifesta e o clima de insegurança psicológica, a ansiedade, a desconfiança e os interesses utilitaristas predominam, ocasionando uma atmosfera incapaz de sustentar o valor moral, a amizade, a cooperação, a satisfação e a realização humana.

A ação racional instrumental, interpretada por Serva (1996) é uma ação baseada no cálculo, voltada para o cumprimento de metas técnicas ou fins de interesses econômicos ou de poder social, por meio da otimização dos recursos disponíveis. A maximização dos lucros e a minimização dos custos traduzem a intenção da otimização.



Essa intenção está inserida no pensamento instrumental e manifesta-se pela lógica matemática, projetando os atos humanos em direção dos interesses materiais; pelas metas de natureza econômica, técnica ou política visa aumento de poder; pela otimização de recursos por meio da eficácia e da eficiência; pela adaptação a um dado padrão, torna-se competitivo na sociedade. O desempenho individual é medido por indicadores padronizados e pré-estabelecidos, centrado na dimensão econômica em busca da rentabilidade ou do lucro. E as relações entre os indivíduos que se manifestam por meio da impessoalidade, são movidas por técnicas e por interesses estratégicos e econômicos (RAMOS, 1983).

As pessoas, em todas as sociedades, escolhem o que fazer de modo a maximizar quaisquer que sejam os seus fins. Assim, criam meios disponíveis para alcançar esses fins, mas estes são escassos e, portanto, a pessoa tem de escolher os meios de acordo com suas limitações, de uma forma que maximize os resultados. Esta interpretação sustenta o pensamento instrumental.

Ao contrário da lógica instrumental, a racionalidade substantiva está voltada para a compreensão do ser humano individual e suas relações coletivas. Considera os valores éticos que permitem aos indivíduos julgar e mensurar determinados acontecimentos. E, mesmo ocorrendo a diversidade de ideias entre os indivíduos em um contexto, a racionalidade substantiva se manifesta como equilíbrio dos indivíduos em relação à coletividade, por meio do respeito à dignidade humana, liberdade de expressão e defesa dos valores éticos e morais. Serva (1993, p. 39) observa que, “partindo do indivíduo tenta-se construir uma organização que possa viabilizar seus anseios conjugados na base da proximidade e compatibilidade de valores”.

A racionalidade substantiva não é algo que se limitaria a determinada forma sistêmica de atuação na organização burocrática e sim pelas ideias e princípios das pessoas com ações conjuntas.

A racionalidade substantiva, em primeiro lugar, nunca poderá ser confinada num enunciado interpretativo. [...] somente através da livre experiência da realidade e de sua precisa articulação poderá ser compreendida. [...] não se pode compreendê-la através da simples aquisição de um pacote de informações (RAMOS, 1983, p.194).

A racionalidade substantiva, segundo Serva (1996), resulta das relações humanas que se manifestam pela busca da satisfação social e da autorrealização, fundamentada no debate racional e no julgamento ético. Os elementos que compõem



a ação substantiva são estabelecidos pela autorrealização, entendimento, julgamento ético, autenticidade, valores emancipatórios e autonomia.

A autorrealização, interpretada a partir do conceito da racionalidade substantiva, acontece pela compreensão dos processos de concretização do potencial inato do indivíduo e sua satisfação. A dimensão social manifesta-se por interações pautadas pela integridade, honestidade e franqueza numa dinâmica que valoriza a autenticidade. Os valores emancipatórios surgem por meio da busca e do aperfeiçoamento do bem-estar coletivo, da solidariedade, do respeito à individualidade, da liberdade e do comprometimento, presentes nas pessoas e no contexto do grupo. Há, ainda, o julgamento ético, baseado em juízo de valor, ou seja, no que é bom e mau, no que é verdadeiro e no que é falso, no que é certo ou no que é errado, que se processa a partir do que é validado pelos indivíduos em suas relações (RAMOS, 1989).

A autonomia surge a partir dos indivíduos pelas suas ações sociais, estabelecendo acordos e consensos racionais, mediadas pela comunicação livre sob o amparo da responsabilidade e da satisfação social (SERVA, 1996).

Esses elementos que compõem a ação substantiva são essencialmente humanos e serviram para que Alberto Guerreiro Ramos desenvolvesse sua nova ciência social, com o propósito de resgatar o ser humano, libertando-o do excesso de padronização e uniformidade das organizações econômicas.

Assim, esses aspectos fundamentados no conceito de racionalidade substantiva ajudam a compreender as relações sociais e econômicas existentes na dinâmica das agroindústrias familiares. Estas, por sua vez, atribuem à família o processo de construção da identidade e de socialização dos indivíduos, bem como seu aprendizado e sua formação social. E, cada família, em um contexto social estabelece relações com atores pertencentes ou não ao grupo familiar.

4 Metodologia

A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa foi a fenomenológica. Os procedimentos técnicos adotados, bem como o método de investigação possibilitam a sua classificação como uma pesquisa qualitativa, baseada no método descritivo-analítico.

A abordagem qualitativa sustentou o aprofundamento, a compreensão e a análise das opiniões e das ideias das pessoas na dinâmica das relações



socioeconômicas das agroindústrias familiares. O delineamento da pesquisa se constituiu pela pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo.

Das 263 agroindústrias familiares da região das Missões, foram entrevistados 14 proprietários (as) e, aplicados 136 questionários aos responsáveis pelas agroindústrias familiares. O período de realização da pesquisa foi de janeiro a junho do ano de 2016.

A partir do método utilizado, encaminha-se para a próxima seção, a qual se discute os resultados encontrados na pesquisa e analisa como as relações socioeconômicas na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares da região das Missões, permeadas no território, caracterizada por particularidades regionais, são influenciadas pelo pensamento instrumental e substantivo.

5 As racionalidades na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares das Missões: Um Arranjo Agroprodutivo Familiar.

Nesse debate entre as racionalidades instrumental e substantiva inserem-se as relações de trabalho e sua organização na realidade das agroindústrias familiares da região das Missões do Rio Grande do Sul. A natureza da mão de obra é o primeiro aspecto a ser interpretada à luz das racionalidades.

Nas agroindústrias familiares da região as atividades são realizadas pelos próprios integrantes no núcleo familiar. O fato de a predominância da força de trabalho estar na própria família demonstra que a relação com o mercado de mão de obra é, praticamente, inexistente. Nesse sentido e com base na natureza do trabalho das agroindústrias familiares, não há relação de dependência ou de interdependência com o mercado de mão de obra. A realização do trabalho manifesta-se de maneira autônoma, pois a responsabilidade por sua execução está nos membros do núcleo familiar.

Essa autonomia das agroindústrias familiares com relação à natureza da mão de obra não converge para a lógica da economia industrial que interage constantemente com a força de trabalho disponível no mercado de mão de obra. A interação, sob o pensamento instrumental, manifesta-se por meio de interesses econômicos, de um lado a intenção de otimizar as despesas com pessoal, ou seja, quanto maior o resultado econômico que a pessoa gera para a organização em relação à sua remuneração, melhor para a organização. Por outro lado, quanto maior a percepção do trabalhador com relação ao elevado valor que gera, maior será sua pressão sobre a organização por aumento da sua remuneração.



Com isso, há divergência entre a força de trabalho empregada nas agroindústrias familiares das Missões com o pensamento instrumental. Há, sim, a predominância da lógica substantiva, pois, com o passar do tempo, os filhos vão se inserindo nas atividades, ou seja, as relações familiares e de trabalho se entrelaçam, de maneira não definida, normatizada ou formalizada. Elas, simplesmente, se manifestam por meio do sentimento de amor, de carinho e dos valores familiares. Assim, a racionalidade substantiva se manifesta, sem uma norma definida, um modelo ou um pacote de informações que possa definir essas relações.

A organização do trabalho foi outro aspecto investigado na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares. A forma como é dividido o trabalho nas agroindústrias familiares pesquisadas não é sustentada pela lógica da economia industrial. Essa interpretação decorre do fato de que a divisão do trabalho se manifesta sem a intenção de promover a especialização dos membros familiares. Ao contrário, o propósito está na distribuição das atividades e não em sua especialização. Isso é confirmado no conteúdo das entrevistas, em que os pesquisados afirmam que o trabalho é dividido, mas todos os membros da família “sabem fazer tudo”. Esse é o discurso predominante dos produtores familiares pesquisados.

Assim, infere-se que a organização do trabalho na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares é, predominantemente, guiada pela razão substantiva, pois vincula a divisão das atividades ao sentimento de ajuda mútua e sentimento de carinho entre os membros da família e não à lógica instrumental ligada ao aumento da produtividade individual de cada um, proposta pelo princípio da especialização.

Na fala do E7, o valor do trabalho realizado na agroindústria familiar se vincula à razão substantiva. O referido entrevistado afirma que:

“Hoje tá meu guri, que é neto, tocando uma coisa que o vô me ensinou. Ele se formou em contabilidade e está trabalhando aqui conosco. Eu só tenho que agradecer porque os dois filhos estão aqui, trabalhando na parceria. Mesmo que minha filha queira trabalhar na cidade na área dela, mas eles estão por aqui, estão presente com nós em casa, durante a semana, no almoço de domingo. A riqueza é a família. A cidade grande é muito corrida hoje. Tu levanta cedo, vai trabalhar e nem vem ao meio dia pra casa. Só vem de noite. Teu filho vai pra escolinha de manhã e só volta de noite. Quando tu chega do teu trabalho o teu filho pode estar dormindo, porque ele é uma criança e pode sentir sono mais cedo. E no outro dia a mesma coisa e quando tu vai ver já é domingo. Quando o Maico foi pedir demissão da Gerdau ele falou com o chefe dele que estava vindo para o interior, com a esposa grávida. O chefe disse que não tem problema, [...] ele disse que entendo a tua parte porque eu não vejo o meu filho,



o chefe dele falou, como amigo: eu não vejo o meu filho. Ele vai para a escolinha de manhã e volta de tardinha. Quando eu chego em casa ele já está dormindo. No outro dia, a mesma coisa, sai cedo, então, eu só vejo ele domingo. Então, eu pretendo um dia ir para o interior. Se tu pode, vai. O chefe falou isso. E a chefe também. E os dois deram força para ele vir. Tu vai poder ver tua filha crescer, porque aqui a gente começa trabalhar sete e pouco, pára ao meio dia, começa as duas e vai até as seis. Caso tenha alguma coisa a mais, vai um pouco mais. No final de semana eu organizei assim: como são três, o meu marido, o Maico e o Gabriel, cada fim de semana um vai cuidar e os outros de folga. Tu vai pegar sábado meio dia e vai entregar segunda cedo. Acho que é bom assim. Tem que ser assim para trabalhar e dar certo.”

As atribuições, divididas ou não, que se manifestam na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares não são programadas ou planejadas de maneira formal. O desempenho do trabalho não está vinculado a um objetivo ou meta a alcançar (RAMOS, 1989). Dessa maneira, o pensamento substantivo se manifesta na forma de trabalhar e organizar as atividades produtivas.

O conhecimento adquirido pelas famílias produtoras é outro aspecto considerado importante para a compreensão do trabalho na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares. Com base nos dados da pesquisa, 83,8% dos produtores pesquisados informaram que o conhecimento é adquirido na própria família, enquanto que 42,6% disseram que o conhecimento adquirido ocorre por meio de orientação ou treinamentos técnicos.

O conhecimento adquirido está no histórico dos produtores. A maioria dos pesquisados afirma que aprendeu a trabalhar com seus pais. Por meio da observação e do envolvimento nas atividades diárias desempenhadas pelos pais, foram adquirindo experiência. Segundo E1, “[...] a criação da galinha colonial eu herdei um pouco mais da parte da minha mãe, que sempre trouxe essa questão de galinha caipira, de saber fazer o melhoramento”. Já E2, produtor de queijo, afirma que “eu via a mãe colocar o leite na panela e misturar um pouco e aquilo virava queijo”.

Esse conhecimento adquirido não segue regras e normas formalizadas por um sistema burocrático de formação. É intrínseco nas relações entre os membros da família produtora. Com isso, a lógica substantiva se manifesta pela livre experiência e vivência na realidade da família. Assim, o pensamento substantivo se manifesta, de maneira livre, sem a dependência de um enunciado normativo (RAMOS, 1983; SERVA, 1996).



O conhecimento adquirido em cursos técnicos, treinamentos, palestras e visitas técnicas também se mostrou presente nas respostas dos produtores familiares pesquisados. Eventos realizados pela EMATER, EMBRAPA e SENAR foram os mais citados pelos entrevistados. Além disso, visitas técnicas realizadas em viagens a outras regiões, também foram citadas como fontes de conhecimento dos produtores familiares.

Quando há predominância da racionalidade instrumental, segundo Serva (1996), os interesses utilitaristas dominam as relações que ocorrem no ambiente, transformando-o em ambiente competitivo, que gera uma atmosfera incapaz de sustentar a cooperação, a amizade, a moral e a realização humana.

A intenção da formação técnica do produtor familiar está inserida no pensamento instrumental, que projeta os atos humanos ao encontro dos interesses materiais, por meio do alcance de metas e de objetivos quantificáveis. Além disso, procura-se a otimização de recursos pela eficiência e eficácia produtiva, em padrão produtivo pré-estabelecido. O conhecimento técnico permite, assim, a quantificação do trabalho individual por meio de indicadores padronizados, centrados e reduzidos à lógica econômica em busca da rentabilidade ou do lucro (RAMOS, 1983).

Assim, a afirmativa de que a tendência “natural” das agroindústrias familiares de se transformarem em indústrias parece não encontrar sustentação. A justificativa está nos temas e na metodologia utilizada na formação técnica dos produtores. Há uma intenção clara de imposição da lógica industrial aos produtores, mas essa lógica encontra resistência, pois a organização e as relações de trabalho que se manifestam na dinâmica produtiva familiar não são industriais.

Depois de analisar a natureza do trabalho, sua organização e a maneira como as famílias produtoras adquirem conhecimento, parte-se para o debate sobre a produção. Esse debate é realizado por meio da análise das relações das famílias produtoras com seus fornecedores de produtos, materiais e serviços. Além disso, a forma como os produtos são produzidos e comercializados também é objeto de análise desta pesquisa. Em tese, as relações de produção das agroindústrias familiares são analisadas em relação a suas racionalidades instrumental e substantiva.

O primeiro aspecto analisado na produção é a relação da família produtora com o fornecedor de produtos, materiais e serviços. A necessidade de estabelecer relações com o mercado fornecedor, na lógica instrumental, estabelece que quanto maior a quantidade de produtos, materiais e serviços para manter a funcionalidade da



organização, maior será a necessidade de relações com os fornecedores (RAMOS, 1989).

Nas agroindústrias familiares investigadas, as relações com os fornecedores acontecem com baixa frequência. Não há uma relação frequente que envolva grandes volumes de produtos, materiais ou serviços. A justificativa de essa relação com os fornecedores não ser frequente e com volumes baixos de suprimentos, é fruto de a produção primária (matérias-primas) ser oriunda da própria propriedade rural familiar.

Essa maior autonomia das agroindústrias familiares não isenta das relações de compra de suprimentos com o mercado fornecedor. Os produtos mais adquiridos pelas famílias produtoras são açúcar, sal, embalagens, farinha, fermento e coalho. Esses produtos são utilizados, principalmente, por agroindústrias que produzem farináceos e derivados do leite, e são a maioria da região.

Na aquisição da farinha, verifica-se uma relação entre as famílias produtoras e seus fornecedores. As famílias produzem trigo e trocam por farinha com a cooperativa ou outro fornecedor. A relação ocorre com a entrega do trigo e posterior retirada da farinha no fornecedor. Assim, parte do trigo (produto primário) produzido pelos produtores familiares é trocado por farinha de fornecedores.

Outros itens que os produtores familiares adquirem dos fornecedores são doces, recheios e confeitos; temperos e condimentos; tripa; cera laminada; vinagre; caixa de abelha; sal comum e ração; medicamentos para os animais; núcleo de minerais e concentrados; adubo orgânico; farelo de soja; manteiga; milho em grão; sementes e mudas; lenha; maravalha; pintos de um dia; óleo de soja e barbante. Todos esses produtos são utilizados como suprimentos das diversas agroindústrias familiares da região das Missões.

Essas são relações comerciais que se manifestam por meio da lógica instrumental, pois a intenção é econômica, calculada e baseada no preço e na quantidade dos suprimentos adquiridos. O fornecedor, de um lado, preocupado em garantir suas vendas e maior ganho econômico e, por outro lado, os produtores familiares preocupados com o preço de aquisição pago ao suprimento.

Com ênfase na origem dos produtos ou serviços adquiridos de fornecedores, foi constatado que as relações entre as agroindústrias familiares e seus fornecedores acontecem, predominantemente, na localidade. O comércio local, as cooperativas e os vizinhos representam 81,4% das respostas dos produtores pesquisados. Os fornecedores da região e de outras regiões representam em torno de 18% das



respostas obtidas na pesquisa. Dessa forma, a lógica que predomina é a instrumental e de proximidade, nas relações com o fornecedor.

Por ser próxima dos fornecedores, a movimentação dos suprimentos adquiridos pelas agroindústrias familiares é, praticamente, feita pelo próprio veículo dos produtores. O serviço de transporte de mercadorias entre fornecedor e produtor está sob responsabilidade das famílias produtoras, conforme informação passada por 92,6% dos produtores pesquisados.

O fato de os fornecedores não realizarem a movimentação do suprimento até as agroindústrias familiares é justificada pela lógica instrumental, pois a quantidade baixa de suprimento adquirida pelas agroindústrias não dilui o custo do transporte do fornecedor. Se fosse cobrar o transporte, ou o fornecedor cobraria taxa de frete ou, então, aumentaria o preço dos produtos vendidos aos produtores. Em síntese, o transporte do suprimento, do ponto de vista da racionalidade instrumental, não se viabiliza economicamente. Assim, esse custo fica com os produtores que assumem o transporte com seus próprios veículos.

As relações de trocas não econômicas e de ajuda mútua com fornecedores também acontecem. Essas relações se manifestam quando alguém está com algum problema de saúde e precisa de uma carona até o hospital da cidade. Em problemas nas casas e galpões, ocasionados por chuvas fortes e vendavais, os vizinhos se ajudam com serviços realizados por meio de mutirão. Quando os filhos precisam ir à escola, ocorrem caronas de vizinhos. Em eventos comunitários, como em datas festivas, os vizinhos se unem para organizar o evento. O senso de autoproteção se manifesta por conversas entre vizinhos sobre pessoas estranhas circulando próximo às propriedades. Essas relações não são planejadas e organizadas com fins econômicos e acontecem com frequência entre as famílias produtoras e seus vizinhos. São claras manifestações da racionalidade substantiva que se materializa entre os produtores familiares na região das Missões.

Nas atividades produtivas das agroindústrias, a agregação de valor ocorre em diversos produtos, tanto de origem animal como de origem vegetal. Na região das Missões, os farináceos, os derivados da cana-de-açúcar e os derivados do leite são os produtos mais produzidos pelas famílias produtoras. As geleias e as conservas de legumes também são produzidas por várias agroindústrias familiares. Conservas de pepino, cenoura, pimenta, couve-flor, beterraba, nabo, rabanete e cebola estão sempre presentes nas feiras de produtores e nos quiosques missioneiros.



As formas de produção desses produtos são, predominantemente, artesanais. Foi informado por 69,1% dos pesquisados que a maneira de produzir das agroindústrias familiares, é artesanal. Segundo Prezotto (2001), as atividades artesanais são realizadas manualmente, e a lógica da produção em escala não se manifesta na dinâmica da produção. O resultado produzido pelas agroindústrias não permite afirmar que a produção tenha escala. A quantidade produzida é baixa e, além disso, os produtos não são padronizados. A identidade familiar e as particularidades regionais, incorporados ao produto, ajudam a diferenciá-los dos produtos industrializados.

Nesse sentido, a lógica industrial não consegue abarcar a maneira como são realizadas as atividades produtivas nas agroindústrias familiares. A tentativa de incorporação de técnicas industriais, por meio de programas de capacitação e ou legislação, encontra forte resistência por parte dos produtores, pois a maneira como produzem não segue a lógica instrumental de programação e controle da produção.

Assim, é importante registrar que, independentemente das normas exigidas pela vigilância sanitária, a maioria das agroindústrias familiares, mantém o cuidado de colocar seus produtos em embalagens. Foram 78,7% dos produtores familiares pesquisados que informaram que seus produtos são embalados para comercialização. Em 18,4% dos pesquisados, a embalagem é utilizada em alguns produtos e apenas 1,5% dos produtores não as utilizam em seus produtos.

Com relação à rotulagem dos produtos, apenas 21,3% dos pesquisados informam que suas agroindústrias colocam rótulo em seus produtos; 21,3% disseram que o fazem apenas em alguns produtos; e 55,9% não utilizam rótulo.

O código de barras segue a mesma lógica da colocação de rótulo. Elas podem estar impressas nas embalagens, juntamente com o rótulo, ou então, ser impressas em adesivos colados na embalagem que reveste os produtos. Na atualidade, poucas agroindústrias inserem o código de barras em seus produtos. Segundo a pesquisa, 13,2% dos produtores informaram que os produtos apresentam código de barras; 7,4% informaram que o utilizam em apenas alguns produtos; e 77,9% disseram que não o colocam.

A maneira como as agroindústrias familiares colocam a embalagem, o rótulo o código de barras nos produtos produzidos ocorre por meio de atividade manual. A utilização de máquinas automatizadas para execução dessas operações não é aplicada nos espaços produtivos das agroindústrias familiares. A tecnologia



incorporada nessas atividades não substitui o trabalho manual dos membros da família, e é aplicada para complementar a atividade de embalagem, rotulagem e aplicação do código de barras. Isso ocorre porque a produção não segue a lógica de escala da economia industrial.

Todas essas atividades realizadas pelos membros familiares se desenvolvem no ambiente de convívio familiar. A presença das relações familiares de amor e afeto na produção familiar é constante. Quando considerada, entretanto, a forma de produzir familiar, a racionalidade substantiva predomina em relação a racionalidade instrumental.

Além da organização do trabalho e da forma de produção que se manifesta nas agroindústrias familiares, a tecnologia entra na discussão a partir da sua origem e aplicação. De um lado, a aplicação da tecnologia adquirida de fornecedores, e de outro, a tecnologia própria desenvolvida pelos próprios produtores. A predominância é da tecnologia adquirida, com 61% dos pesquisados, enquanto que 39% utilizam tecnologia própria.

Dessa forma, a tecnologia incorporada pelos produtores familiares está, em essência, na manutenção da qualidade e na diferenciação dos seus produtos. A escala, no entanto, não encontra espaço na produção familiar. Essa é outra particularidade que se manifesta na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares.

Nos últimos cinco anos, 50% dos produtores familiares pesquisados, realizaram investimentos em máquinas e equipamentos. Esses investimentos foram acessados pelas várias linhas de créditos e programas de financiamentos destinados aos produtores familiares como, por exemplo, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF; as linhas de créditos específicas oferecidas por bancos; o Programa Nacional de Crédito Fundiário – PNCF e o Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais – FEAPER.

Assim, a tecnologia aplicada na produção familiar se manifesta baseada na racionalidade substantiva, tanto da tecnologia própria, como da tecnologia adquirida pelas agroindústrias familiares. O pensamento substantivo se manifesta na aplicação da tecnologia, no ambiente produtivo, onde ocorrem as relações familiares que promovem a satisfação pessoal, o afeto e a autorrealização. Dessa forma, essa dinâmica converge com Ramos (1989), em que o pensamento substantivo se manifesta envolvendo as decisões da família em relação aos investimentos em tecnologia e sua aplicação à produção familiar.



O pagamento dos produtos é realizado à vista pela maioria dos consumidores, mas há uma parcela que prefere efetuar o pagamento a prazo. Para 47,1% dos produtores pesquisados, suas vendas são realizadas por meio de pagamento à vista e pagamento a prazo, pois há consumidores que preferem pagar mensalmente. O pagamento a prazo se manifesta, segundo os produtores, pela relação de amizade e confiança desenvolvida ao longo do tempo com os consumidores.

Além das feiras de produtores, outros canais de comercialização são utilizados pelas agroindústrias familiares. A venda ao cliente; a venda via cooperativa (quiosques missioneiros), a venda para o varejo (supermercados/fruteiras), a venda para instituições públicas (via cooperativa), a venda direta para instituições públicas, as vendas externas à região e as vendas feitas em grandes feiras regionais são canais de comercialização utilizados pelas agroindústrias familiares da região das Missões.

Esses canais de comercialização são meios pelos quais os produtos das agroindústrias familiares são distribuídos e disponibilizados aos consumidores. Toda a movimentação é realizada pelo veículo próprio dos produtores, desde a agroindústria até o consumidor ou ponto de venda. A lógica instrumental se observa na movimentação dos produtos, pois envolve a programação de horários e quantidades de produtos a transportar.

A cooperação entre produtores familiares se manifesta com frequência, por meio da venda cooperada. Esta ocorre pela participação da cooperativa em editais de fornecimento de produtos para instituições públicas e em eventos como feiras regionais maiores. Nessas feiras, os produtores se unem e organizam o transporte dos produtos até o estande de venda localizada na feira. Esse trabalho ocorre de maneira cooperada, sem remuneração formal do trabalhador, mas com o propósito de comercializar seus produtos e, conseqüentemente, obter resultados econômicos para as famílias produtoras. A cooperação, nessa lógica, tem o objetivo de se ajudarem mutuamente e está ao lado da expectativa do ganho econômico.

Como se constatou, as relações sociais e econômicas na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares foram identificadas e analisadas por meio da racionalidade instrumental e da racionalidade substantiva. A predominância da lógica instrumental das organizações não ocorre na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares. Dessa forma, a racionalidade substantiva, por meio das relações familiares, envolve o trabalho, a produção e a comercialização dos produtos das agroindústrias familiares da região das Missões. Com isso, a resistência dessas agroindústrias familiares em se



transformarem em indústrias está na manifestação da racionalidade substantiva que prevalece nas relações entre os membros da família. Além disso, a maneira artesanal utilizada para produzir, dificulta a inserção de técnicas e conhecimentos de produção industrial.

Assim, os produtores familiares encontram em suas relações familiares e na própria maneira de produzir uma dinâmica produtiva que permite autonomia maior em relação à pressão que o pensamento da economia industrial vem tentando exercer ao longo do tempo.

Alguns produtores pesquisados informaram que seus filhos voltaram da cidade para trabalhar na agroindústria. A primeira justificativa para esse movimento de retorno está relacionada à proximidade com a família e a segunda, à remuneração, ou seja, o trabalho na cidade está oferecendo menor remuneração do que a renda proporcionada pela agroindústria familiar. Há um equilíbrio entre o pensamento substantivo, ligado à satisfação em estar perto da família, e o pensamento instrumental que incorpora a possibilidade de aumentar a renda.

O envolvimento social das famílias produtoras é outra particularidade que se manifesta na dinâmica das agroindústrias familiares. As relações familiares e com os vizinhos se materializam por meio da participação em sindicatos, cooperativas, associações vinculadas à igreja, associações comunitárias, clubes de mães e clubes esportivos.

A união das famílias produtoras por meio da fé e dos valores éticos, amor, solidariedade, ajuda mútua, satisfação e aceitação social são constatadas nos discursos dos produtores. Essa união se observa apenas entre as famílias produtoras que, de certa forma, excluem pessoas fora do núcleo familiar ou da vizinhança. Aqueles que não fazem parte da família, embora muitas vezes representem instituições, são vistos com certa desconfiança por parte dos produtores familiares. Assim, o que predomina nesse aspecto são as relações familiares.

Nesse sentido, o pensamento substantivo na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares se manifesta de maneira clara. O propósito da participação social da família não está ligado somente a ganhos econômicos e, sim, a valores humanos de solidariedade e ajuda mútua.

Mais de 90% dos pesquisados informaram que a confiança e a credibilidade estão na base das relações familiares existentes nas agroindústrias. Essas relações influenciam diretamente as atividades produtivas, tanto da propriedade rural como da



agroindústria familiar. Os sentimentos humanos que se manifestam nas relações familiares influenciam o desempenho das atividades de produção realizadas nas agroindústrias familiares. Na essência das relações de produção está a manutenção e a inclusão de pessoas da família como força de trabalho.

A origem e a organização do trabalho materializada na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares das Missões demonstram que há uma maneira particular de produzir e agregar valor aos produtos. O produtor e os membros do núcleo familiar, envolvidos nas atividades produtivas, não vendem seus trabalhos, mas o resultado do que produzem. A remuneração do trabalho, do ponto de vista da gestão, deve ser registrada como tal, porém as famílias produtoras não o fazem. Assim, o salário do membro da família não é registrado, mas incorporado ao produto vendido.

A dinâmica produtiva das agroindústrias familiares mostra que a matéria-prima vem da própria produção familiar, pois ocorre na propriedade de terra da família. Dessa forma, as famílias não ficam dependentes do mercado fornecedor de matéria-prima, o que gera maior autonomia para os produtores. Essa é outra particularidade que ajuda na interpretação de um Arranjo Agroprodutivo Familiar – AAPF.

Outro aspecto importante, que se manifesta na dinâmica produtiva familiar é a maneira como a produção é organizada. Algumas características presentes na produção das agroindústrias familiares são: 1) Inexistência de especialização; 2) A procedência familiar é o critério para inclusão do trabalhador; 3) O trabalho não é remunerado; 4) O local de trabalho está no próprio lar ou na própria terra; 5) Os membros da família são donos dos instrumentos de trabalho; 5) A hierarquia está na própria estrutura familiar.

A necessidade de especialização no trabalho realizado nas agroindústrias familiares é inexistente. As atividades produtivas são desempenhadas pelos membros da família, de maneira que possam realizar a produção do início ao fim, sem divisão de tarefas e sem etapas programadas. Dessa forma, a tarefa total de concepção do produto, é realizada por pessoa que conhece e executa todas as atividades produtivas. Essa forma de organização das atividades produtivas das agroindústrias familiares não priva o membro familiar de sua satisfação no trabalho e, ao mesmo tempo, mantém sua dignidade humana, pois o trabalho e os instrumentos utilizados estão submetidos ao trabalhador e não o inverso.

As atividades produtivas, realizadas pelos membros da família, não são remuneradas. A mão de obra do trabalhador não é contabilizada como remuneração,



mas incorporada à renda familiar. Do ponto de vista da gestão financeira e contábil, esse é um problema técnico que ocorre nas agroindústrias familiares, mas que não tira a funcionalidade do empreendimento. Apesar de esse problema técnico não afetar a funcionalidade das agroindústrias familiares, ela precisa ser estudada com mais profundidade, pois há aspectos legais que envolvem o regime previdenciário dos produtores.

Outra particularidade na dinâmica produtiva familiar na região das Missões verifica-se no fato de a localização da agroindústria ser junto à residência ou nas terras da família. Essa particularidade é contrária à lógica de um sistema industrial, que prega a produção fora do lar, em propriedades de terceiros, com produção de escala voltada para mercado amplo, tanto interno quanto externo.

A maneira como a família produtora adquire e aplica as máquinas e os instrumentos, ajuda na interpretação sobre como a tecnologia é incorporada na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares na região. A primeira consideração sobre a aplicabilidade da tecnologia remete à intenção dos produtores com relação à aquisição de tecnologias, como máquinas e instrumentos. A aquisição da tecnologia não está ligada ao interesse da produção em escala, mas a intenção é a complementação do trabalho manual visando à melhoria do acabamento dos produtos produzidos.

Outra consideração remete à utilização da tecnologia como apoio ao trabalho manual realizado pelo membro da família. O propósito de substituir a produção manual por uma produção automatizada não está no discurso dos produtores pesquisados. A intenção dos produtores pesquisados, com relação à incorporação da tecnologia é complementar o trabalho realizado, artesanalmente, pelos membros familiares.

A produção atinge uma escala maior com a união de várias agroindústrias que, por meio da cooperação, conseguem obter maior volume de produtos para atender os consumidores. A lógica da produção em escala, no entanto, não está na agroindústria familiar, mas no ato de cooperação que as famílias produtoras fazem, com o objetivo de proporcionar aos consumidores maior volume de produtos.

Os vários canais de distribuição hoje utilizados pelas agroindústrias familiares da região das Missões ajudam a comercializar todo o excedente produzido pelos produtores. Como já abordado neste trabalho, as vendas diretas, as vendas por meio das feiras locais e as vendas por meio dos quiosques são os canais de distribuição mais utilizados pelos produtores familiares.



Por meio desses canais de comercialização são transportados todos os produtos das agroindústrias familiares. A responsabilidade pelo transporte desses produtos é das famílias produtoras que, frequentemente, se unem para deslocar produtos para feiras regionais onde organizam seus estandes. Além dos veículos próprios dos produtores, o arranjo possui um veículo usado de maneira coletiva por famílias que comercializam seus produtos por meio dos quiosques missioneiros, via cooperativas.

Dessa forma, propõe-se o conceito de **Arranjo Agroprodutivo Familiar (AAPF)**, como uma interpretação que visa estabelecer um movimento contrário à lógica da economia industrial. O **Arranjo Agroprodutivo Familiar (AAPF)** passa a ser uma denominação sem a terminologia “industrial”, pois o foco está na dinâmica produtiva artesanal, não industrial. Dessa forma, a inexistência de especialização na produção; a procedência familiar como critério para inclusão do trabalhador; o trabalho não remunerado em forma de salário; o local de trabalho entrelaçado ao próprio lar; a família dona dos instrumentos de trabalho e a hierarquia organizada sob a própria estrutura familiar são características do **Arranjo Agroprodutivo Familiar (AAPF)**.

Assim, o AAPF é formado pelas racionalidades que se manifestam na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares da região das Missões. A lógica instrumental deixa de ser no AAPF, que identifica na produção familiar a predominância de uma razão substantiva que ajuda a manter viva a identidade e a dignidade humana das famílias produtoras.

6 Considerações finais

O presente estudo teve o propósito de analisar como as relações socioeconômicas na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares da região das Missões, permeadas no território, caracterizada por particularidades regionais, são influenciadas pelo pensamento instrumental e substantivo.

O primeiro aspecto observado foi a autonomia das famílias produtoras em relação ao mercado de mão de obra. Os resultados mostraram que a força de trabalho nas agroindústrias familiares vem dos membros familiares, diferente da racionalidade instrumental e econômica que coloca o mercado de mão de obra como fator regulador da força de trabalho nas organizações.

Da mesma forma, os resultados demonstraram certa autonomia das agroindústrias familiares em relação ao mercado fornecedor de matérias primas. Isso acontece porque a unidade de produção agropecuária e a agroindústria familiar são de



propriedade da família. Assim, parte da produção primária da unidade agropecuária serve de matéria prima para a agroindústria familiar, resultando em uma maior autonomia para as famílias produtoras.

Essa autonomia observada na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares, tanto com relação à força de trabalho, como em relação à matéria prima, não convergem com o pensamento instrumental. Essa convergência não acontece porque a lógica instrumental coloca a oferta e a demanda de mão de obra e a necessidade de suprimentos numa relação de forças, que interagem de maneira interdependente entre a organização e o mercado.

O pensamento substantivo, neste ponto, predomina na dinâmica das agroindústrias, pois as relações familiares e de trabalho se entrelaçam, de maneira não definida, normatizada ou formalizada. Ela se materializa pelos laços e valores familiares, sem uma norma, um modelo ou um pacote de informações que possa definir essas relações.

A maneira como os produtores adquirem conhecimentos sobre suas atividades é outra particularidade que se observa na dinâmica das agroindústrias familiares. O pensamento substantivo se desenvolve pela livre experiência e vivência na realidade da família, não seguindo regras e normas formalizadas de um sistema burocrático de formação.

Por outro lado, a lógica instrumental também se manifesta quando se considera a formação do conhecimento dos produtores. Os cursos e os eventos de formação, realizados por várias entidades e instituições, são orientados para a formação técnica e instrumental das famílias produtoras. Assim, o conhecimento adquirido dos produtores é híbrido, ou seja, seu conhecimento é aprendido na família e em outras fontes, como em cursos e eventos de formação técnica.

As técnicas industriais, incentivadas por programas de formação, encontram dificuldades de incorporação à produção familiar. Na pesquisa as agroindústrias familiares mostraram que a forma artesanal e a ausência de um processo produtivo baseado na divisão do trabalho e especialização, a caracterizam como uma atividade produtiva não industrial. Dessa forma, há uma incompatibilidade entre o pensamento instrumental industrial com a dinâmica produtiva observada nas agroindústrias familiares. Reavaliar programas e planos de desenvolvimento do arranjo produtivo torna-se importante, principalmente se a intenção for ir ao encontro da manutenção da identidade e da produção de produtos artesanais.



Apesar de o pensamento instrumental prevalecer na comercialização, o pensamento substantivo predomina no trabalho e na forma de produção familiar. Assim, chega-se a conclusão que a racionalidade substantiva predomina sobre a racionalidade instrumental, na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares na região das Missões.

Dessa forma, a interpretação é de que a tentativa de industrialização retira a essência da atividade familiar, que não é industrial. Por isso, é importante rever os métodos de abordagem que estão sendo utilizados nos programas e planos, no sentido da valorização das características da produção familiar artesanal.

Alternativas que compreendam e traduzam a realidade da dinâmica produtiva das agroindústrias familiares, são resultados que esta pesquisa propôs gerar com o conceito de **Arranjo Agroprodutivo Familiar (AAPF)**. A intenção é de que esse conceito possa servir como uma interpretação diferente e, ao mesmo tempo, sirva como base para construção ou aperfeiçoamento de políticas públicas, que contemplem melhor a realidade da dinâmica produtiva das agroindústrias familiares.

Referências

AZEVEDO, A. **A Sociologia Antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos**. 2006. 355 f. Tese do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2006.

BARTRA, A. **El Hombre de Hierro**. Limites Sociales y Naturales del Capital. México: UACM, UAM, ÍTACA. 2009.

CARVALHO, K. C.; ESCRIVÃO FILHO, E. A tensão administrativa: a visão de Guerreiro Ramos. In: ESCRIVÃO FILHO, E. PERUSSI FILHO, S. **Administração e evolução do trabalho do administrador**. São Carlos: RiMa, 2008.

MALUF, R. S. **Mercados agroalimentares e agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais**. Revista Ensaios FEE. Porto Alegre, v. 25, n. 1, pp. 299-322, 2004.

MANNHEIM, K. **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MIOR, L. C. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: SC, Editora Argos, 338 p., 2005.

PELEGRINI, G.; GAZOLLA, M. **A agroindustrialização da produção como estratégia de reprodução social da agricultura familiar**. In.: Cadernos do Ceam/Estudos Rurais III / Flávio Borges Botelho Filho (organizador) – Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Núcleo de Estudos Agrários – v. 8. n. 32, 2008

2017

VIII Seminário Internacional sobre
Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado

UNISC
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

PIZZA JUNIOR, W. **Razão substantiva.** Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v.28, n.2, abr./jun,1994, p.7-14.

PREZOTTO, L. L. **Principais procedimentos para registrar uma pequena agroindústria.** Ministério de Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. Brasília, janeiro de 2001.

PREZOTTO, L. L. **Uma concepção de agroindústria rural de pequeno porte.** Revista de Ciências Humanas. EDUFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis. n. 31, abr. 2002. p.133-154.

RAMOS, A. G. **Administração e contexto brasileiro.** Elementos de uma sociologia especial da administração. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV,1983.

RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações.** 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

SERVA, M. **O fenômeno das organizações substantivas.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.33, n.2, mar./abr.,1993, p.36-43.

SERVA, M. **Racionalidade e organizações:** o fenômeno das organizações substantivas. São Paulo: EAESP/FGV. Tese de doutorado, 1996.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia.** 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.